



MOA SIPRIANO

7

MESES

MOASIPRIANO.COM

Design da Capa & Editoração

Moa Sipriano

Imagem da Capa & Tipografia

www.pixabay.com

www.dafont.com

Segunda Edição Digital

Junho de 2018

Todos os direitos reservados a

Moa Sipriano

Site oficial

www.moasipriano.com

Sete Meses

Moa Sipriano

Criação pelúnica

Pouco importa a hierarquia dentro da trama.

De um jeito um tanto alucinado, sempre haverá personagens pra lá de marcantes durante o oculto ato da criação solitária.

Comigo ocorre um envolvimento quase possessivo entre Criador e Criatura, onde adentramos esferas perturbadoras, envolvendo uma infinidade de egos numa batalha repleta de urros de liberdade que se elevam, de todas as maneiras, a fim de ganharem o direito de cativar minha atenção na tela branca, iluminada, não mais virgem.

* * *

É durante minhas longas, discretas e solitárias caminhadas que o roteiro e as reviravoltas de uma nova trama vêm numa tacada só: Começos e Finais surgem mega definidos, bastando que eu gaste inspiração e transPIRAÇÃO para amarrar de vez as maluquices que meus homens adoram triscar em todos os orifícios do meu corpo, perispírito, alma... não necessariamente numa ordem racional.

Ao retornar para a minha *ursacaverna* e encerrar a maratona digitacional, busco merecido descanso na companhia da boa Budweiser (ou Corona) e do despretensioso Pop Inglês dos anos 1980.

O próximo passo é esconder a história numa pasta virtual definida como "Sarcófago" e esquecer a dita-cuja durante alguns dias.

Quando me sinto renovado, pego o Roberval (meu note), caço a lindinha devidamente catalogada e passo a revisar a continuidade dos fatos declarados, preocupando-me em corrigir certos desvios desvairados daquele protagonista mais afoito.

Daí a história é tragada pela Internet e a Grande Ursa Maior aqui permanece minutos sem fim a roer os pelos ao redor dos mamilos – uma proeza além da compreensão da Física –, na bitolada ansiedade de obter *gagaplausos* dos seus milhares de admiradores anônimos mundo afora.

Sete meses

Ao criar um aleatório homem IMAGINÁRIO, até hoje me arrepio ao dar de cara com o mesmo MATERIALIZADO, sempre por volta de sete meses após "jogá-lo no ar".

Eu não sei como fugir da minha sina: o ritual é algo assustador e *maravilindo* ao mesmo tempo.

Quando menos espero: Pumba! Lá está o meu olhar introspectivo e curioso a bater de frente ou periférico com uma das minhas viris ou lesadas criações; nós dois rondando uma esquina qualquer.

Eu, fincado no asfalto, respiração cortante, quase despencando pelas beiradas, assisto aquela mesma roupa, os mesmos trejeitos, os mesmos dramas, as mesmas alegrias.

Caso eu desenvolva coragem suficiente para uma aproximação, chego a captar os mesmos aromas almiscarados que idealizei ou a mesma textura sonora que outrora senti durante o bailar dos meus dedos ásperos pelo teclado.

Jamais ocorre profundo contato físico ou o revelar de identidades e destinos. Numa telepatia absurda, apenas pincelamos "a confirmação" entre olhares famintos, como ele a me consentir – inconscientemente – que "o que está feito, está feito".

* * *

Ainda não compreendo se carrego uma mística capacidade pelúnica em meu ser em "adiantar" com tamanha precisão a variedade de clichês que rondam nossas trilhas. Porém, ao contemplar parte das materializações humanas proferindo frases que eu criei, ou se comportando exatamente como eu havia descrito em linhas tortas, não deixa de ser algo capaz de arranhar meus alicerces, bamboleando minhas emoções mais primitivas.

Mesmo nos contos onde boa parte do conteúdo é *gritamentetétrimo* autobiográfico, eu me espanto com certas passagens que são reproduzidas com exatidão milimétrica após os tais sete meses: sem perceber, lá estou no meio de um "novo" acontecimento, tentando controlar meu Centro (nervoso, não o meu delicado e robusto *buraquixo* peludo), muitas vezes quase que grudado ao lado "dele", o Materializado.

E nada posso falar. Jamais consigo incentivar o meu próprio segundo passo.

Abobalhado, fico a observar a reprise do sétimo filme da minha Sessão da Tarde.

Amizade

Eu tenho um "amigo imaginário". Acredito que o nome dele seja Otávio.

Ele costuma agir como um editor muito exigente.

Escalafobético, ele invade meus raros sonhos coloridos, ditando novas regras dentro da trama que estou a criar ou revisar no momento, escolhendo um dos meus seres masculinos como prêmio ao meu carma.

Com seu bafo avinagrado, ele ri e me canta exatamente como será o próximo "encontro". Assim, como num filme desfocado e sombrio, aprecio o caminhar do Escolhido, sinto seu timbre e seus medos e anseios, decoro suas frases e atos clichériados, me atento aos meus deveres que devem ser cumpridos à risca, quando um novo setembro chegar.

Personagem marcante bem marcado em parágrafos espíndola, eu só sei que atiro o conto na dimensão virtual e esqueço-me dos seus detalhes. É assim que eu funciono enquanto escreva.

De repente, quebrando o marasmo do esquecimento, lá vou eu esbarrar num ser que eu já havia rascunhado no dito-cujo dum conto ou até mesmo em *faceinstaposts*.

Tento me controlar, meditando em suspense, mantendo o foco no relacionamento real ou virtual, procurando dar sempre o melhor de mim-eu-mesmo e cumprir com louvor o meu destino na companhia daquele que já passou pelas minhas entrelinhas.

O que me "machuca" nesse tipo de envolvimento é saber TUDO o que vai ocorrer no minuto seguinte. Sinto-me traindo a pessoa em questão, pois nosso laço costuma ser edificante pra ele e uma tortura pra mim, já que na minha cachola careca, o que estamos a vivenciar eu já havia composto num rascunho homopopular.

Cabe à Grande Ursa Maior encerrar o aprendizado evolutivo da melhor maneira possível, evocando minhas experiências de vidas na esperança de aprimorar e abrilhantar o caminho alheio, enquanto for necessário nosso envolvimento fraternal.

Sexo

Vou lhe confessar um caso curioso:

Lembro-me que eu havia ficado bem eufórico quando finalizei **Rodamundo**, um dos meus contos mais sensuais e provocantes.

Na época, por volta de 2010, eu trabalhava como Segurança Patrimonial numa revenda de caminhões e costumava passar minhas madrugadas entre rondas enfadonhas e digitações inspiradas.

Principalmente nos meses inverniais, era muito comum gastar meu tempo a papear com um ou outro caminhoneiro errante que aproveitava a estrutura bem iluminada do local para pernoitar, com a minha autorização.

Sete meses após ter escrito a primeira versão de "Rodamundo", linha por linha do que eu havia criado foi cuspidado na minha fuça pelúnica numa escarrada só: conheci um homem chamado João, sulista do norte do Paraná, e vivemos uma experiência "fodástica" igualzinho o roteiro do meu conto, sem tirar, nem por.

Ok, o trocadilho foi medonho, mas foi o que aconteceu.

Quando encerramos nossos alucinados atos carnais e logo após eu me recompor para o mundo, eu nunca vou me esquecer de que no trajeto de volta ao lar abri um nada discreto berreiro de puro nervosismo, todo encolhido dentro do busão. Eu simplesmente não conseguia aceitar que o sexo que eu havia experimentado no decorrer de algumas horas naquela madrugada baforenta... eu já sabia de antemão como TUDO deveria acontecer.

Irresponsáveis, mesmo nós dois chapados durante o esfrega-esfrega, sem medir prós e contras e temores e censuras, que doideira confirmar que até mesmo nossas falas eróticas estavam grifadas no meu texto com precisão absurda!

Ao chegar à casa materna, li e reli os copiões originais, ainda sem um pingão de edição, e assim me vi prostrado na cama de solteiro, boquiaberto com a realidade esculpida da boa *fodaria* entre o Sulista e o Paulista.

A minha narração na pele do Gaiola... *Gesuis!* Enquanto consumíamos nossas libidos e extrapolávamos nossos limites e virgindades, era como se eu estivesse dirigindo o curta-metragem de uma renovada existência!

Então, sobre as entrelinhas que você captar em "Rodamundo", saiba que você estará diante de um dos meus raros textos sem uma gota sequer de ficção; apenas muita, muita, muita fricção transformada em delicada poesia e profundo aprendizado.

Um amor cármico

No que envolve as coisas do coração, houve uma rara e única ocasião quando me vi no seio de algo que eu já havia escrito em mil e novecentos e *tralalá*.

Antenado, finalmente tomei atitude positiva ao abordar o meu Materializado.

Numa sucessão de "recordações" sussurradas ou escancaradas, lembro-me que em meia hora de bate-papo eu já confirmava qual era o destino do Criador e sua Criatura: ele se apaixonou por mim. Embasbacado, eu fiquei flutuando no ar em quarenta e cinco graus, igualzinho ao clipe *Smooth Criminal* do MJ.

Pensar que implorei um vácuo de vinte e quatro horas para tomar "a decisão". E passei as tais das vinte e quatro horas de olhos bem abertos, lendo o passado e remoendo os futuros acontecimentos, prevendo até onde ambos os "romances" se afinariam.

Ficamos juntos por quatro anos e – *tchan, tchan, tchan, tachaaan!* – sete meses!

Durante todo esse tempo eu já sabia de cor e salteado como rolaria o meu dia seguinte. Pois tudo ocorreu como eu havia (re)escrito: os mesmos atos, cheiros, sexos, dramas, alegrias, frustrações, barracos e esperanças.

Imagine o inferno interior a me consumir!

Vivi na realidade dos meus pelos uma das minhas ficções friccionais.

Ah! Saiba que o conto referente ao relato cuspidado aqui ainda permanece inédito para a maioria dos meus leitores. Somente um punhado de amigos acompanhou essa história na íntegra (dia a dia, impressa, virtual, sinal de fumaça). Talvez, um dia, quem sabe, eu publique **"em nome de nós dois"** (risos).

Voltando: Quando eu e ele nos separamos – numa boa! –, assinando todos os acordos verbais entre beijos azuis e vermelhos, levei exatos sete meses para compreender todo o processo que me consome ao criar um determinado homem IMAGINÁRIO pra lá de marcante, onde até hoje ainda me arrepio ao dar de cara com o mesmo MATERIALIZADO...

... sempre por volta de sete meses... após imprimi-lo na minha mente, com o aval do tal de Otávio.

Sobre o Autor



Olá!

Meu nome é **Moa Sipriano**. Sou de Jundiaí, interior de SP.

Autodidata, escrevo e publico contos, crônicas e romances desde 2004.

No Brasil, acredito que fui pioneiro na criação de livros digitais contendo exclusivamente literatura gay de boa qualidade.

Meus textos "miojo", além de excitar e entreter, carregam fragmentos motivacionais que conduzem o leitor a uma identificação imediata, promovendo uma autoavaliação prática e palpável.

Minha arte literária se esforça para retratar com crua fidelidade e lirismo todos os meandros do universo gay masculino, onde o amor verdadeiro, os conflitos internos, o sincero companheirismo e a real espiritualidade partilhada entre iguais são temas recorrentes em meu projeto literário.

Pincelo minhas histórias e verdades com inteligência, sarcasmo, inspiração e sensualidade em tonalidades exatas, proporcionando momentos excitantes, surpreendentes descobertas e honesta reflexão durante o passeio daquele tímido olhar curioso do leitor sobre as curvas tonteantes do meu devaneio "homopop".

www.moasipriano.com

www.facebook.com/moasipriano

moa@moasipriano.com